



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGÜÍSTICA
1999-2023-2024

REVISTA AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGÜÍSTICA
V. 8, N.22, P.177-207
DOI:10.18764/2525-3441V8N22.2023.9

EXPLOSÕES NAS FRONTEIRAS INTERCULTURAIS: A DINÂMICA DOS CÓDIGOS E LINGUAGENS DA POLÍTICA GLOBAL

*EXPLOSIONS IN THE INTERCULTURES FRONTIERS: THE DYNAMIC OF CODES AND
LANGUAGES OF GLOBAL POLITIC*

Antônio Sebastião da Silva

<https://orcid.org/0000-0002-0963-5411>

Resumo: As guerras globais têm referência na cultura com seus signos para novos códigos e linguagem, criando transformações nas fronteiras interculturais, de modo a permitir o desenvolvimento e a expansão de textos ao longo de um único ambiente de vida. O objeto de análise desta pesquisa é a viagem de balão espião chinês que atravessa os limites geográficos dos Estados Unidos e cria pânico nos americanos, em razão das disputas entre as duas grandes potências mundiais. Neste sentido, a análise se efetiva na instabilidade política, com interações culturais na modernidade, em que a relação centro e periferia se torna mais complexa. A metodologia aplicada é a Análise Crítica da Narrativa para verificação dos textos publicados pelos jornais New York Times, South China Morning e Folha de S. Paulo. Para além de apoio teórico dos pensadores da comunicação, a Semiótica Cultural de Iuri Lótman é fundamental nas análises das interações culturais na modernidade das palavras e tecnologias da informação.

Palavras-chave: Semiótica Cultural; Comunicação; Narrativas; Jornalismo; Política.

Abstract: The global wars have with reference the culture with your signs in direction the new code and languages. When are created transformations between the interculture frontier, permitting development and expansive of texts to long of one unique environment of life. The object of analysis this research is a travel that the China spy balloon across the geographic limits of United States and disseminated panic in the Americans, in face of dispute between the two big worldwide potencies. In this sense, the analysis if effective in the politic instability, with culture interactions in the modernity, in that the relation center and peripheric, so, become more complex. The apply methodologic is the critical analysis of narrative to verification of theory have like support the thinkers of communication. The Culture Semiotic of Yuri Lótman is fundamental in the analyses in the culture interactions in the modernity, of word e information technologic.

Keywords: Cultural Semiotic; Communication; Narrative; Journalism; Politic.

INTRODUÇÃO



Pesquisa sobre o ambiente da interculturalidade numa escala regional já seria uma análise difícil em circunstância de uma diversidade de processos comunicativos que envolvem comunidades, com suas peculiaridades e especialidades. A compreensão das trocas comunicativas na globalidade social revela um desafio se a proposta é a busca de entendimento, ainda que sem expectativas de aprofundamentos. Contudo, tentamos debruçar sobre a compreensão sobre as disputas políticas como reflexo da análise da interculturalidade na perspectiva das tensões de um cenário de guerra. Na consideração de que as transformações ocorridas nos centros de poder levam a alterações nas periferias do sistema mundial, em decorrência de estarmos em único espaço de vida, que exige comunicação para diálogo na diversidade cultural.

Nesta abordagem, nossa compreensão é de que as culturas se revelam integradas, interdependências para a existência de uma sociedade globalizada, cuja ordem se mostra numa hierarquia composta a partir de um centro em equilíbrio, conservador, na determinação de outras organizações em seu entorno. Sistema que está longe de se manter estático, mas em movimento dinâmico, cujas fronteiras permitem a definição de identidades, individualidades e permanente comunicação com o exterior, seja o mais próximo ou distante, com efeitos internos em cada comunidade. Como resultado, os choques e explosões frequentes e inevitáveis resultam em transformações e desenvolvimentos, como observamos desde o surgimento da humanidade.

Com estas premissas, a pesquisa se volta para a análise das disputas entre duas grandes potências em conflitos, os Estados Unidos e China. Ressuscitando como consequência outras crises e explosões globais, as quais escalam uma espécie, por ora, de uma guerra fria, tecnológica, cujo objetivo por um lado é manter hegemonia política e cultural no centro do sistema, e, de outro, a busca da periferia pela ascendência em direção do topo da hierarquia sociocultural.

Duas questões problemas norteiam esta pesquisa, que sentimos desafiados e devemos responder ao final: na ordem



da política global como se sistematizam as trocas de informações nas fronteiras culturais na perspectiva de manutenção da ordem hegemônica, considerando disputas de sentido entre centro e periferia? Na dinâmica das interculturalidades, de que forma se efetivam os enfrentamentos por meio de informações na composição de novos textosⁱ em consequência de choques em espaços culturais assimétricos?

Nosso objetivo, portanto, é estudar os efeitos dos choques nas fronteiras culturais como resultado das disputas políticas e culturais na ordem global, que resultem em aumento de signos para novas linguagens e códigos culturais. Nesta perspectiva: analisar os movimentos nas fronteiras entre diferentes unidades culturais assimétricas com os centros globais em disputas políticas, na transformação de estruturas hegemônicas para novos textos culturais.

Como suporte metodológico trabalharemos com a Análise Crítica da Narrativa, que nos permite a compreensão dos processos comunicativos, definidos em nosso recorte, envolvendo três veículos de comunicação reconhecidos nos seus segmentos, como influentes na formação da opinião pública nas regiões distintas, com atenção à diversidade política e cultural. Quais sejam, o americano *New York Times*, o chinês *South China Morning* e o jornal brasileiro *Folha de S. Paulo*. Observando que os Estados Unidos têm o *status* de maior potência mundial, o país asiático com grande ascendência política e cultural e a nação brasileira com destaque na América Latina (SILVA, 2020)ⁱⁱ, mediante forte representação política e cultural na região, devido a sua força econômica e volume populacional. Brasil, que está entre as 20 maiores economias globais.

Questão fundamental da pesquisa é a narrativa da crise envolvendo as duas potências, com foco no caso emblemático do chamado incidente do balão espião, assumidamente de propriedade do país asiático, que faz travessia pelo território da América do Norte na busca de informações externas, porém conduzindo como signos de representação de sua identidade local e regional, levando comoção à população das nações “invadidas”, especialmente os Estados Unidos,

despertando preocupação com a segurança nacional, ocasionando disputas que sinalizam para batalhas tecnológica e militar.



A COMUNICAÇÃO NAS FRONTEIRAS CULTURAIS

A análise da cultura longe de ser uma tarefa simples traz enormes desafios, teóricos e metodológicos na possibilidade de diversos caminhos para se chegar a resultados sobre objetos tratados pelos campos de pesquisa. Possível avaliar que as diferenças culturais entre centro e periferia têm como ponto fundamental a estrutura organizada ao longo dos séculos em torno do poder, o que implica em pensar na área do conhecimento, das oportunidades econômicas e representação política efetivamente. No entanto, para além destas questões é possível observar de maneira pragmática que a sociedade global não está de fato ancorada em um lugar imóvel, se na percepção do desenvolvimento que nós assistimos, principalmente na comunicação em expansão, nas gerações de mensagens e informação por meio de diversos dispositivos historicamente analógicos e principalmente na modernidade, digitais, para a comunicação instantânea. Logo, se estamos embarcados no mesmo espaço em um único ambiente territorial de vida, sobressai a visão de um processo dinâmico em que não seria possível estarmos inertes às ondas de mobilidades sociais, no que se refere aos códigos, avaliando o processo de ampliação do conhecimento, tecnologias para interações comunicacionais e novos textos que chegam com mais frequência a cada etapa histórica e em evolução constante, como se imagina, ininterruptamente.

Neste sentido, preferimos pensar um mundo de informações, cujo signos se disseminam para diversas localidades, resultando em mais e mais comunicação e interações, permitindo assim, crescimento e transformações de ideias, novos paradigmas e alteração nos espaços culturais. O que não implica em afirmar que o passado perdeu o seu valor e que deverá ser esquecido, muito ao contrário, o avanço ocorre numa composição permanente de experiências, como degraus a serem escalados no presente e no futuro. Sendo assim, a cultura está numa relação dialógica com mais intensidade, que



exige trocas de informação para experiências, cujo espaço de vida se torna uma espécie de semiosfera, numa referência à biosfera, quando todos os seres integrados constroem um ambiente natural de signos para mediações e conhecimentos para semioses simbólicas, coletivas, ou novos textos culturais.

Sistema que conduz o contato com códigos, linguagens que somente podem se afirmar de forma provisória e na tentativa de consenso para objetos, ainda que estejamos imersos numa diversidade de culturas, com suas respectivas identidades e singularidades.

Como descreve Irene Machado, o semiótico Russo Iuri Lótman quanto pensou nesta análise dos diálogos na semiosfera, compreendeu que haveria encontros de signos culturais interna e externa às individualidades em conformidade com a diversidade. Pois,

Trilhando o caminho já consolidado por Mikhail Bakhtin (1895-1975) em seus estudos sobre o dialogismo e sobre o cronotopo, Lótman investiu na compreensão da dinâmica dos encontros culturais no sentido de explicitar como duas culturas se encontram, que tipo de diálogo elas travam entre si e como elas criam experiências capazes de reconfigurar o campo das forças culturais (MACHADO, 2007, p.16).

181

Por ser um ambiente com dinamicidade não seria possível uma visão estruturalista desta realidade para dentro e fora das culturas, mas diferentemente desta análise, surgem as estruturalidadesⁱⁱⁱ, "uma espécie de princípio organizador, que não chega a ser estrutura, mas mostra uma organização do sistema" (et. al. 2007, p.27), na composição de modelizações^{iv}, as quais definem os espaços culturais em conformidade com individualidades e identidades culturais. A rigor, a linguagem como podemos avaliar está na relação dos sistemas de comunicação e sistemas modelizantes, formando uma organização de sentido e conhecimento, de modo que "comunicação e modelização são funções que se implicam mutuamente" (et. al. 2007, p. 29). Nesta análise, nas fronteiras entre culturas é que se estabelecem as trocas de informações na relação com a diversidade, de modo que ao mesmo tempo que une, separa. Visto que "é a partir desta separação que uma cultura demarca sua peculiaridade em relação a outras formas de organização" (Ibidem, p. 39).

Se há diversidade neste ambiente de comunicação, as fronteiras tornam-se lugar fundamental para compreender

choques diante das diferenças possíveis entre códigos culturais. Linhas imaginárias que são ordenadas de modo a estabelecer estruturalidades com respectivas identidades em constantes diálogos e rompimentos, provocando explosões, com vistas a novos textos e formações de cultura. A comunicação, portanto, está para mediações em rearranjo de modelizações.



O conceito de explosão formulado por Lótmán em seus últimos textos (1993 e 1994), busca entender como ocorre o aparecimento de novos textos da cultura. Quer dizer: somente com o desalinhamento total do sistema é que se pode vislumbrar a emergência da imprevisibilidade. Explosões que, em vez de destruir, permitem a emergência da vida (et. al., 2007, 42).

A modernidade, portanto, pode ser pensada nesta relação com o desenvolvimento da comunicação para novos códigos culturais e sistematizações sociais, como consequência de reordenamos culturais. Talvez nesta abordagem possamos considerar alguns autores que podem iluminar este caminho. Primeiramente, Anthony Giddens que assegurava no final do século passado haver transformação na ordem social, com novas perspectivas para o conhecimento e experiências, diante dos impactos das novas tecnologias.

182

Como descreve o autor,

Nos termos desta análise, pode facilmente ser visto como que a radicalização da modernidade é tão perturbadora, e tão significativa. Seus traços mais conspícuos [...] nos levam a um novo inquietante universo de experiência. Se o “nós” aqui ainda se refere – ou, mais precisamente, nos setores industrializados do mundo – é algo cujas implicações são sentidas em toda parte (GIDDENS, 1991, p. 58).

Na análise da cultura Latino-americana no contexto global, ou seja, das transformações sociais, das hibridizações nos ambientes culturais, Canclini compreende que é tempo de reavaliar as discussões sobre disciplinas do campo da ciência em torno do processo de dominação centro e periferia global, considerando que a modernidade tem efeitos em todos os lugares, o que leva a questionar a afirmação de que o conhecimento é reflexo de estruturas hegemônicas. Na esteira das análises dos estudos culturais britânicos, o autor argentino sinaliza que a comunicação se dissemina na relação codificação e decodificação sistematicamente para mudanças que implicam nas artes, nos museus, nas comunicações. Impossível negar que haja centralidade cultural, a principiar



pelos centros econômicos globais, com seus suportes de comunicação, a reboque das reconhecidas indústrias culturais. Todavia, é possível verificar o surgimento de outras "estruturalidades", com suas linguagens e percepções, como analisamos na perspectiva de Iuri Lózman, cuja obra do autor se destaca nesta discussão é *"Universe of the Mind: a semiotic theory of culture"* (1990). Por isso, é preciso avaliar a relação entre modernidade e as transformações culturais, que incorporam novas linguagens, entendimentos, sinalizando para adequações, negociações de sentido e desenvolvimento. Assim, há indiciabilidade de que os Estados Unidos, para um único exemplo dos reconhecidos grandes centros culturais, sentem a presença de latino-americanos transportando influência cultural, bem como o Brasil ao importar sistemas tecnológicos e efeitos provenientes de linguagens externas, insere-se numa modelização cultural, com suas respectivas composições internas.

[...] Os deslocamentos e as hibridações já não permitem vincular rigidamente as classes sociais com os estratos culturais. [...] Não quero dizer que essa circulação mais fluida e complexa tenha dissolvido as diferenças entre classes. Apenas afirmo que a reorganização dos cenários culturais e os cruzamentos constantes das identidades exigem investigar de outro modo as ordens que sistematizam as relações materiais e simbólicas entre os grupos. [...] As buscas mais radicais sobre o que significa estar entrando e saindo da modernidade são as dos que assumem as tensões entre a desterritorialização. Com isso refiro-me a dois processos: a perda de relação 'natural' da cultura com os territórios geográficos e sociais e, ao mesmo tempo, certas realocações territoriais relativas, parciais das velhas e novas produções simbólicas (CANCLINI, 2015, p. 309).

As tecnologias da informação desde o surgimento da energia elétrica sinalizam de maneira pragmática para desenvolvimento na difusão de informação, revelando ao longo do tempo modificações culturais, observando desde os primórdios a natureza dos meios de comunicação que se tornam mídias de massa, atravessando assim, territórios com alterações de códigos e linguagens. Como descreveu Marshall McLuhan as novas máquinas modificam não exatamente a mensagem, mas os processos de comunicação resultam em mais interações a partir de cada novo dispositivo, como jornal, rádio, cinema, televisão. A rigor, como descreve, "a velocidade elétrica mistura as culturas da pré-história com os detritos dos mercadologistas industriais, os analfabetos como os

semiletrados e os pós-letrados" (2006, p.31). Assim, o prolongamento do corpo humano torna-se inevitável com capacidade para dar dinamicidade aos movimentos puramente limitados humanos. A internet, que não foi objeto de análise do autor canadense, neste sentido, pode ser vista como alargamento de nossa memória, consciência, que nos leva a pensar na potencialidade de disseminação de mensagens e informações, com transformações inclusive para o próprio corpo. Portanto, como seria de pressupor, a cultura na modernidade evidencia "fortes tensões entre o local, o nacional e o global" (CALDERÓN, CASTELLS, 2021, p.202).



Por certo, a sociedade está imersa em um processo de mediação, considerando a impossibilidade de acesso direto aos acontecimentos que irrompem ao longe, cada vez mais complexos nessa universalidade, colocando-nos num ambiente de vida comum, perpassado por signos de uma sociedade da interdependência num sistema que, ao final, liga a todos, numa espécie de rede que relaciona os seres humanos na sua diversidade. Assim, John Thompson verifica que estamos em tempos de historicidade mediada ou experiências mediadas, em razão das trocas de informações, em que "Ao mesmo tempo, ação responsiva é separada de seu caráter dialógico de uma interação face a face e desdobrada em tantas maneiras que se torna difícil monitorá-la e controlá-la" (1998, p. 99).

184

Logo surge uma pergunta neste ponto necessária, qual a importância da mídia nesta análise sobre estruturalidades e modelizações? Sem dúvida, as mídias ganham destaque ao se tornar agentes mediadores privilegiados, lugar para disseminação de informações a serem acessadas na globalidade, permitindo uma espécie de ligação entre pessoas imersas na semiosfera. Não se trata, todavia, de um único recurso para trocas de experiências, de significados sobre objetos, mas são dispositivos capazes de formar o que o Britânico Roger Silverstone chama de textura da experiência. O jornalismo, recorte desta pesquisa, historicamente cria ambientes de discussões coletivas, tornando uma espécie de praça pública para acesso de informação, reunindo diversas culturas em torno dos acontecimentos selecionados e mediados. Assim,



Entender a mídia como um processo – e reconhecer que o processo é fundamental e eternamente social – é insistir na mídia como historicamente específica. A mídia está mudando, já mudou radicalmente. O século XX viu o telefone, o cinema, o rádio, a televisão se tornarem objetos de consumo de massa, mas também instrumentos essenciais para a vida cotidiana. Enfrentamos agora o fantasma de mais uma intensificação da cultura midiática pelo crescimento global da internet e pela promessa (alguns diriam ameaça) de um mundo interativo em que tudo e todos podem ser acessados, instantaneamente (SILVERSTONE, 2002, p.17).

AS NARRATIVAS SOBRE A TRAVESSIA DE BALÃO ESPÃO

O balão chinês supostamente espião que atravessa os Estados Unidos cria o cenário para narrativas que conduzem a formação e conhecimento do público pelos jornais diários das três regiões de modo a gerar signos em conformidade com a posição política e cultural de cada país. Para tanto, esta pesquisa faz uso da Análise Crítica da Narrativa (MOTTA, 2013), de modo a definir a construção da realidade possível e provisória pelos agentes no Jornalismo, por meio de seus textos publicados pelos veículos em fevereiro de 2023, quando o objeto não identificado aparece nos céus americanos.

A pesquisa, portanto, reúne textos do gênero opinativo das publicações digitais dos Jornais *NYT*, *SCM*, com exceção da *Folha de S. Paulo* com estudos das reportagens. Os Estados Unidos que por séculos assumem a posição hegemônica como personagem central na difusão global de informações, com suas linguagens e códigos culturais. O país asiático, por sua vez, a partir de seu crescimento econômico e tecnológico historicamente recente, consegue avançar na direção dos centros mundiais.

Na análise narrativa da comunicação jornalística se destacam três narradores, quais sejam: o veículo, a partir de suas referências gráficas, edições e disposição nas espacialidades das páginas veiculadas, definindo significados; o Jornalista, como aquele que faz a cobertura no mesmo ambiente do acontecimento, responsável pela composição do texto da narrativa, na relação com as fontes, agentes sociais. Por sua vez os personagens da produção jornalística, observados como narradores mediante o direito à voz, com intervenção no processo narrativo na definição de conhecimento sobre os acontecimentos, os quais podem se tornar protagonistas e antagonistas, a depender

de sua configuração no ato de narrar, conforme linha editorial da empresa de comunicação. Neste contexto, todavia, a análise ficará em torno dos personagens do jornalismo dos respectivos veículos, que são colunistas do próprio jornal, pessoas independentes, mas de reconhecimento notório, do mundo empresarial, intelectual. São gentes da narrativa relacionados com as respectivas empresas de comunicação - e seu entorno institucional -, na avaliação de que a publicação ou não do texto opinativo ou cobertura do acontecimento (reportagem) está na dependência e posição ideológica do próprio veículo com sua linha editorial e proposta política.



Como descreve Motta (2013, p. 136), metodologicamente a análise crítica da narrativa considera fundamentalmente três instâncias de estudos: a) o plano da expressão (discurso, linguagem); b) plano da estória^v (conteúdo, enredo, intriga); c) plano da metanarrativa (tema, modelo de mundo).

Durante o período analisado foram reunidos 28 textos publicados nos três veículos, no entanto, na impossibilidade de verificação tão ampla para esta pesquisa, definimos como critério os dias com mais repetição temática, revelando ser momento importante da narrativa, quando há enunciados novos que estabelecem dramaticidade, a serem apresentados aos leitores para formação de conhecimento, em conformidade com a composição de metanarrativa, ou seja, com o intuito de destacar a visão ideológica e cultura do meio de comunicação sobre o ocorrido, na perspectivas de vozes legitimadas que representam visão de mundo coerente com o ambiente discursivo. Assim, estão definidos dois textos do *Jornal NYT*, publicados em 15/02/2023; dois do *SCM*^{vi}, com publicação nos dias 08/2/2023 e 18/02/2023; e, do diário brasileiro *FSP*, reunimos duas publicações, do dia 13/02/2023^{vii}.

A rigor, colocados os veículos da publicação digital lado a lado, a comparação das páginas iniciais dos jornais *FSP*, *NYT* e *SCM* mostra as relações de fronteiras culturais que separam as três nações (modelizações), nas configurações do desenho de seus textos das respectivas publicações.

Observando que o jornalismo como dispositivo para se acessar os acontecimentos exige composição de linguagem para mediações com respectivos signos culturais em diálogo com



o leitor. Logo, devemos destacar a produção da narrativa na coprodução entre meio e público leitor (coletividades). Pois, diferentemente disso não haveria comunicação, com acontecimentos frequentes, esperados e naturais numa semiosfera complexa e com sua diversidade cultural.

O tempo é uma constante preocupação dos jornais americano e chinês, demonstrando que a cultura capitalista exige atenção quanto à produtividade de um mundo que não para. O jornal brasileiro, ainda que se mostre atencioso com o tempo, não joga luz para referências de atualizações de maneira prioritária, ainda que esteja na lógica do Jornalismo a mediação de um mundo dinâmico e em movimento constante.

Não é possível, todavia, deixar de observar que há diálogo entre o conjunto dos textos, dos três veículos em questão, cujos assuntos fazem parte de uma agenda com destaque nas respectivas publicações.

Assim, no entendimento de balões como textos que invadem fronteiras do outro, carrega com ele significantes para significados estrangeiros, numa espécie de ameaça a realidade ordenada pelas informações na busca de manutenção das estruturalidades reconhecidas. O choque entre culturas, portanto, se revela inevitável, criando explosões esperadas e certamente naturais diante da provocada instabilidade do sistema, diante da probabilidade de ataque à hegemonia reconhecida, a qual em um sistema dinâmico convive com a imprevisibilidade constante.

Neste contexto, o balão se torna a *coisa* que surge no céu para narrativas que compõem informações que de fato objetiva a materialidade para movimentos na composição de modelizações na centralidade hierárquica. São efetivamente disputas pela hegemonia política, num processo cultural em que a periferia rompe barreiras e procura diálogo com o centro. Efetivamente há relação de poder econômico e político, mas as questões simbólicas e comunicativas estão internas a este processo intercultural. Nesta linha de pensamento, na América Latina periférica, essas disputas estão numa relação com estruturalidades reconhecidas internamente, porém dinâmicas, respondendo a modelos externos de modo transigente com países Europeus e Estados Unidos, como demonstraremos mais adiante.

As três publicações apresentam peculiaridade na representação das modelizações culturais, que ficam demarcadas na escolha das vozes que fazem uso do espaço jornalístico para apresentação de informações sobre o conflito.

O *Jornal New York Times* nos sete textos define como personagens somente colunistas de origem dos Estados Unidos, com quatro deles da cidade de New York, jornalistas da própria empresa.

Enquanto o diário chinês, destaca vozes de personagens das dez narrativas, quatro deles situados na China, dois indianos, dois de Hong Kong, um australiano e outro dos Estados Unidos. Por sua vez, o jornal brasileiro em onze publicações, os agentes da narrativa têm como representação o Brasil, mas somente um deles morando no país, os outros dois vivendo nos Estados Unidos, como correspondentes ou com residência na nação americana.

Nesta análise das estruturalidades culturais, sete narradores do *Jornal Folha de S. Paulo* são de agências de notícias com sede nos países europeus, França (AFP) e Londres (Reuters). Mas três com assinatura de correspondentes em Washington, um em Bogotá e outro na Colômbia. Geralmente as publicações são produzidas pelas duas agências em dupla, sendo que uma das narrativas tem como referência Pequim, na China.

Se o jornal americano fecha suas narrativas em torno de vozes culturais de representação do país, a publicação chinesa abre espaço para personagens de culturas distintas, regionais e inclusive dos Estados Unidos, permitindo maior trocas de informações internamente, por isso com maiores probabilidades de diversidade cultural, sinalizando para o exterior. No Brasil, a *Folha de S. Paulo* ao reproduzir com destaque vozes do centro político, econômico e cultural, revela nesta análise da narrativa jornalística, abertura para signos de mediações do centro cultural, porém privilegiando narradores estabelecidos em diversas localidades, observando os prováveis filtros estabelecidos pela redação do jornal brasileiro.





INDIVIDUALIDADE CULTURAL HEGEMÔNICA

O *Jornal The New York Times* traz no dia 15 de fevereiro publicação de duas narrativas sobre o assunto, com o título *The Great Spy Ballonn Freakout*^{viii}, do americano David Ropeik (2023, NYT) que é intelectual e instrutor aposentado de Harvard. Tendo como imagem de destaque um balão em queda após receber míssil de avião de guerra dos EUA ao ser abatido no ar. Um material branco envolto em fumaça, tendo ao fundo os céus americanos.

Como conta o personagem do Jornal, o Balão que na imaginação dos americanos estava lá em cima sem nenhum risco, agora passa a preocupar. O objeto tinha dispositivos pendurados de todos os tipos de equipamentos eletrônicos, mas foi abatido com segurança. Outros destes foram encontrados em diferentes lugares na América do Norte, os quais não continham sistema de mísseis identificáveis.

Agora há dúvida sobre objetos não identificáveis que circulam pelo país, levando riscos para a população em tempo de guerra nuclear, em meio a conflitos entre EUA e China. Realidade atual que faz lembrar o lançamento do Sputnik 1 pela União Soviética, em 1957, o que gerou medo no país, levando a examinar os céus com preocupação. Não é a primeira vez que o país se depara com balões, a pensar no período da Segunda Guerra Mundial, quando flutuaram 9.300 com mecanismo incendiários, que somente não atingiram o objetivo pelo fato de cair em áreas úmidas, portanto, sem muito alarde na imprensa.

O balão chinês “também explora nosso medo e fascínio^{ix}” (ROPEIK, 2023, NYT) na perspectiva de alienígenas visitaram a terra, à semelhança da narrativa de muitos filmes de sucesso. Objetos não identificados. Misteriosos. Lembre-se, nos preocupamos mais com os riscos quanto menos os entendemos e menos capacitados nos sentimos para nos proteger.

A percepção de risco alimenta o medo de suas maneiras: diretamente. E indiretamente “porque as pessoas nos mundos das notícias e das mídias sociais percebem que o que nos preocupa chama nossa atenção”^x (idem) A imprensa pode aumentar a conscientização e iluminar pontos fracos e riscos emocionais. Portanto, se deve

reconhecer que a percepção de riscos em si é repleta de riscos. Importante destacar que a falta de percepção de riscos pode causar danos reais, como é o caso de fumar ou enviar mensagens de texto a dirigir. Nesta autocompreensão leva ao entendimento das mídias sobre a sua responsabilidade com a notícia. E as pessoas devem usar os processos de cognição de raciocínio mais cuidadosos a uma voz mais alta, e pensar.



Na voz do narrador, com atenção ao público interno da mídia, as pessoas notoriamente têm medo do desconhecido e devem ser racionais, implicando a adequação das informações à realidade, sem pânico que leve à própria destruição. A explosão causada pelo medo pode atingir toda a sociedade, portanto, a racionalidade deve ser levada em consideração. No final, destaca que informações circulam a todo instante podem levar a transformações, assim, considerando os EUA o centro mundial, a mídia e formadores de opinião nas redes sociais devem dar atenção ao que informa, no sentido de manter a estrutura hegemônica. Controlar informações para evitar medo e mudanças no sistema de inteligência social, o que vai causar prejuízos para uma nação dominante.

190

O segundo texto, o *NYT* destaca no título "*U.S.-China Relations Keep Getting Worse. Do They Have To?*"^{xi}, do próprio jornalista e editor do diário Bokar-Lindell (2023, *NYT*, Newsletter). Como imagem, o rosto pela metade hegemônico é o de Xi Jinping e a vermelha ao fundo; Biden em fotografia rasgada, formando uma linha disforme, sobreposta à imagem do adversário (acima da anterior), mantendo, meio corpo em tamanho menor, à direita caminhando preocupado.

O narrador descreve que a derrubada de um balão e o adiamento de viagem do secretário de Estado, Antony Blinken foi episódios recentes da deterioração das relações entre "as duas grandes potências do mundo"^{xii} (BOKAR-LINDELL, 2023, *NYT*). História que começou há cinco anos, quando Trump iniciou guerra comercial, continuada pelo governo de Biden. Outro rumo em maio quando os EUA decidiram defender Taiwan contra os ataques chineses, como desfecho da visita da ex-presidente da Câmara Nancy Pelosi

à ilha. No mês passado "importante" general da Força Aérea "emitiu um memorando prevendo uma guerra em 2025"^{xiii}



(Idem), o que exigiria preparativos para dissuadir os chineses e derrotá-los se for o caso.

A China, conta o narrador, não é um país democrático, de um governo único, que faz censura generalizada, repressão contra civis, tem sistemas de vigilância e propaganda cada vez mais sofisticada, sob o comando do presidente Xi Jinping e detenção em massa de minorias religiosas e étnicas, que os EUA consideram genocídio.

Ainda que haja outros governos autoritários e os EUA mantenham parceria, o que torna a China uma ameaça "é a modernização de suas forças armadas e, nas palavras do secretário de Defesa Lloyd Austin, suas ações visam dominar a região Indo-Pacífico e o sistema internacional para atender preferências autoritárias"^{xiv} (Idem). Assim, a China quer expansão no mar do Sul da China, local crítico para navegação mundial, o que é ilegal. Revogou a autonomia de Hong Kong e anulou o movimento democrático. Realizou exercícios militares mais agressivos perto de Taiwan, uma democracia desde 1949, que Pequim vê como província legítima.

191

Taiwan que é um dos maiores produtores de microchips necessários para o funcionamento de dispositivos eletrônicos. Uma invasão da ilha levaria a uma recessão mundial e incapacidade dos EUA de se protegerem. A China também exerce influência através do comércio. "Alegado roubo de propriedade intelectual e investimento nos países em desenvolvimento que os críticos chamaram de uma nova forma de colonialismo"^{xv} (Idem) "E à medida que o poder de mercado da China cresceu, as instituições e empresas dos EUA estão cada vez mais silenciando para evitar irritar o governo chinês, conta na voz do personagem German Lopez, do jornal *The Times*.

Numa análise de otimismo, diz que, no entanto, vozes avaliam que a China não tem condições de competir com os EUA, no uso de suas Forças Armadas ainda atrasadas em tecnologia sofisticada e experiência. O país de Jinping não ganhou força de exportação para países desenvolvidos, como os EUA, com desenvolvimento econômico que não é sustentável, em meio a desigualdade social e pobreza. Na voz de personagem, Jessica Chen Weiss, professora de Estudos da China e Ásia-Pacífico na Universidade de Cornell, o narrador diz que a relação EUA e

China se relaciona a soma zero, que podem minar os próprios interesses dos EUA, de modo que “quando os indivíduos sentem a necessidade de superar uns aos outros, para se protegerem e avançarem profissionalmente, o resultado é o pensamento do grupo”^{xvi} (Idem).



Neste sentido, o balão que sobe aos céus dos EUA resulta em *threat inflation* (“inflação ameaçadora”). Os americanos usam todos os tipos de tecnologia para coletar informações sobre a China e outros estados. Parece que Washington explodiu tudo isso fora de proporção, conta o narrador, na voz de Emma Ashford, colunista da Foreign Policy.

O narrador faz uma espécie de roteiro que resultaram nas disputas entre os dois países demarcando respectivas identidades, visita de Pelosi à Taiwan, que cria mobilização da China em defesa da manutenção de poder sobre a Ilha, e a provocação do alerta das Forças Armadas de que haverá uma guerra entre os dois países em 2025 e os EUA precisam se preparar. No diálogo com o leitor, escreve que a China está no rol dos países antidemocráticos que conseguiram avançar no domínio global, com roubo de tecnologias e investimento nos países em desenvolvimento, fazendo amigos e ainda criando ambiente de silêncio entre empresários americanos que fazem negócios com os chineses. O governo de Jinping vem promovendo uma espécie de colonialismo moderno - cultural, que pode ter consequência para o país norte-americano.

192

Numa sequência conta que os chineses também fazem o mesmo jogo de espionagem dos americanos colhendo informações de países poderosos de modo a conhecer a sua realidade, à semelhança do que fizeram os EUA por séculos, sem serem incomodados. A informação, especialidade dos americanos, torna-se neste momento o ponto mais importante das disputas, levando à aproximação preocupante da China e seu atravessamento das fronteiras territoriais e culturais.

PALAVRAS E EXPLOSÕES NA POLÍTICA E AMBIENTE CULTURAL MODERNO

EXPLOSÕES NAS
FRONTEIRAS...
Afluente, UFMA/CCBa, v.8,
n.22, p. 177-207, jun. 2023
ISSN 2525-3441

Um dia de destaque para o South China Morning é 8 de fevereiro, quando publica narrativa de opinião com o título



"China's 'spy balloon' shows Beijing is in a retaliatory mood amid US aggressiveness"^{xxvii}. O narrador é de Hong Kong, Terry Su (2023,

SCM), presidente de uma editora on-line com sede em Hong Kong e especializado em geopolítica. Banqueiro, membro externo do Comitê Consultivo Departamental Chinês, Tradutor e Linguística

da City University de Hong Kong. Historiador e mestre em letras pela Oxford University. Na imagem um operário americano na construção de barreira que divide EUA e China, predominando as cores e índices das duas bandeiras, o qual com atenção em balão chinês aperta parafuso, cuja máquina está apontando para o seu próprio peito como uma arma.

Inicia o narrador, a mídia americana NBC anuncia balão espião à deriva nos céus americanos. Como resultado do incidente, o secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, cancela viagem à China. O drama terminou com o *civilian airship* ("dirigível civil") abatido pela Força Aérea dos EUA, provocando protestos do lado chinês. Como seria de esperar, os presidentes do Senado, Mitch McConnell, e da Câmara, Kevin McCarthy, fizeram ataques à China, acusando o governo Biden de reagir de maneira indecisa, deixando chineses zombar do espaço aéreo americano.

Não se trata de volta à Segunda Guerra Mundial e nem da Crise dos Mísseis de Cuba, conta o narrador. "É tão sério?" (SU, 2023, SCM) Provavelmente não, mas as "guardas de proteção" estão sendo testadas, como pediu Washington. Faz algum tempo que falam de "balão à deriva", apesar de uma boa relação aparente em tempos recentes.

Apesar da publicidade em torno das novas armas enviadas para a Ucrânia pelos EUA e aliados, e relatos da mídia sobre vacilação da Rússia, fato é que a guerra é uma ferida na Europa, indesejável, conta. Avaliando que uma guerra prolongada é desfavorável aos americanos, país que propõe plano para o fim da guerra, mas que se depara com a perda de 20% do território, os quais a Ucrânia não aceita perder, como descreve, conforme relatório que a Casa Branca nega existir.

Os EUA continuam apertando o parafuso na relação com Pequim em meio a sanções e impedindo aliados de negociarem com empresas chinesas, principalmente a Huawei. Além do embargo total

à venda de chips para a gigante tecnológica, estão decididos a abater os chineses.

O presidente da Câmara, McCarthy, assim como fez Pelosi, segue o narrador, anuncia viagem para Taiwan, dizendo que a China não pode impedir de dizer aonde vai. Há relatórios publicados pela imprensa local, diz o narrador, de que navio de guerra americano passou por águas próximas do país, o que foi escondido posteriormente pelo governo e mídia taiwanesa.

Talvez os EUA não queiram uma guerra com a China, seu formidável amigo até hoje, com a visão de que a segunda potência não seja a imagem feroz da antiga União Soviética, dialogando com o leitor. No entanto, a China dá sinais de endurecer o jogo com os EUA, após o incidente com o Balão à deriva. A mídia americana destaca que a China está protegendo a Rússia com envio de armas na guerra contra a Ucrânia, apesar dos alertas de Washington. Wall Street denuncia o envio de armas e peças de reposição por empresas chinesas para os russos.

A mídia Russa anuncia que Xi Jinping fará visita ao país de Vladimir Putin, o que agrada aos russos os quais buscam apoio de prestígio. Sinais do endurecimento do jogo político contra os EUA, considerado um exagero dos americanos.

Por sua vez, a China, diz o narrador, segue cautelosa, com boas relações, mas demonstra que se houver agressividade, além das "linhas Vermelhas" provavelmente não reagirá pela cartilha que a América ditou na Ucrânia. Vai direito ao coração do rival, como ficou claro com o incidente do balão.

Por isso, Blinken fará sua visita a Pequim em breve. Contudo "não há alternativa à paz" (Idem), como asseverou Dwight Eisenhower, na voz do narrador, no tempo da guerra fria, que havia coexistência entre EUA e União Soviética, o que é tão válido agora como naquela época.

O narrador faz referência às narrativas de mídias de outras nações, sinalizando ter conhecimento e dialoga na condição de leitor com o jornalismo dos Estados Unidos, sinalizando que o sistema americano está em movimento na criação de fronteiras entre os dois países, com provação

à China, ao derrubar o balão com o discurso de segurança nacional por mecanismo de espionagem.





As fronteiras estão postas, no entanto, perceptível que havendo uma guerra, o que não é o desejo chinês, mas coloca balão do outro lado de suas fronteiras, abertos ao diálogo reconhecendo transigência com os americanos. Sinaliza que Pequim deverá agir com dureza, diferente do que ocorre com a determinação dos EUA

na Ucrânia. A divisão entre os dois países pode não ser uma determinação dos americanos, considerando os chineses os melhores parceiros que tiveram até hoje, então tentam negociar.

Nesta relação com noções aliadas que pressupõe diálogo, a China emite sinais ao apoiar a Rússia e anuncia visita a Putin. A mídia americana inclusive anuncia venda de armas e peças de empresas chinesas para Moscou, definindo posições na instabilidade da geopolítica. Contudo, não há alternativa à paz, apesar das explosões do conflito, considerando que China está em ascensão política-cultural, e EUA têm mais a ganhar com aproximação do que realizando guerras.

Nas linhas fronteiriças o narrador indica que a explosão, como sinônimo da imprevisibilidade, deve ser evitada a todo custo, com atenção ao controle e ordem do sistema, de modo a manter sob equilíbrio com base no diálogo interno e externamente.

Na sequência, a segunda narrativa é publicada no dia 18 de fevereiro a qual descreve no título "*US-China 'balloongate' fallout should hasten a review of near-space use*"^{xviii}, do narrador indiano C.Uday Bhaskar que é diretor da *Society for Policy Studies* (SPS), um *think tank* independente com sede em Nova Delhi. Foi chefe de instituições indianas, do Instituto de Estudos e Análises de Defesa (IDSA) e da Fundação Marítima Nacional (NMF). Na imagem de abertura, balões de festa junina subindo aos céus de New York, em meio a arranha-céus, com sensação que deveria sugerir alegria e paz, porém indica turbulências à frente.

O presidente dos EUA, conta o narrador do *Jornal SCM*, faz discurso destacando existir a *low-intensity war* ("uma guerra de baixa intensidade") (BHASKAR, 2023, SCM) com a China, o que pode ser considerando um mal presságio num mundo que saiu de uma pandemia e está cansado de conflitos, como é o caso da guerra entre Rússia e Ucrânia. Biden, prossegue, que deverá buscar reeleição no próximo

ano e faz discurso político: “Estou comprometido em trabalhar com a China onde ela pode promover os interesses americanos e beneficiar o mundo”, e na voz do narrador, o seu personagem ataca, mas não se engane “se a China ameaçar a nossa soberania, agiremos para proteger nosso país. E nós fizemos”^{xix} (Idem). Uma referência ao balão espião chinês.



Como conta o narrador, a China relatou haver objeto não identificado em cidade Chinesa (Qingdao) e autoridades locais disseram que iriam derrubar o balão. Pequim afirma que os EUA voaram também ilegalmente em seu território, fazendo uso de balões espiões, “mais de 10 vezes” (Idem) em 2022. Ministro de Relações Exteriores, Wang Wenbin denunciou as práticas “irresponsáveis e seriamente erradas” dos EUA; e que Pequim tomaria medidas necessárias como resposta.

Como disse Biden, destaca o narrador, com voz do seu personagem: “Sejamos claros: vencer a competição com a China deve unir todos nós. Enfrentamos sérios desafios em todo o mundo”^{xx} (Idem). Alguns dias depois, momento raro de bipartidarismo, o congresso americano aprovou a condenação ao balão chinês no espaço aéreo dos EUA. Visto com uma violação à soberania americana. Os EUA avaliam que há uma frota de veículos chineses voando sobre 40 países com intenção de espionagem em cinco continentes.

196

Funcionários americanos que sobrevoaram o balão informam que era claramente para vigilância de inteligência e inconsistente com o equipamento a bordo dos balões meteorológicos. Disseram também que informações seriam compartilhadas com nações afetadas para alertá-las sobre ações de Pequim, no sentido de atender a proposta de Biden de uma colisão contra os chineses.

Duas questões que emergem: visível a quebra de confiança entre as grandes potências e incapacidade de lidar com as implicações imprevistas de segurança nacional. Neste sentido, os EUA derrubam o objeto com um míssil vindo de um caça a jato, lembrando a Guerra Fria, conta o narrador. Um simbolismo perigoso, restando saber a posição chinesa.

O mundo está em um frágil impasse estratégico. Três poderosas nações, EUA, China e Rússia, estão em guerra no



conflito na Ucrânia, ou uma guerra de palavras como essa por causa do “balloongate” (Idem). Falta um fórum para deliberar sobre resoluções de conflitos neste contexto.

Segunda questão, descreve o narrador, diz respeito à postura chinesa, que deveria ter conversado com os EUA, o mesmo ocorrendo do lado dos americanos, quando balões sobrevoassem território chinês, como ocorreu em 2022. Pequim poderia ter levantado isso à Washington. O adiamento da visita do Secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, se revela o primeiro resultado negativo da controvérsia. Faltou à China qualidade de comunicação e sagacidade da diplomacia. Assim, evitar tendência perturbadora de tecnologia que preocupa também os vizinhos. A Índia é uma das muitas nações que detectaram tais invasões por balões, em 2022.

Assim, conta o narrador, analisando o caso dos balões tornou-se necessário e imperativo “rever o uso do espaço próximo de 20 a 200 quilômetros de forma consensual e transparente”^{xxi} (Idem).

Em questão as fronteiras entre as potências mundiais EUA e China e outros grupos aliados de cada cultura central, num mundo em explosões. No final, há uma guerra de palavras que giram em torno da falta de diálogo que caminham para ações beligerantes.

As linhas que dividem os países devem ser respeitadas, no entanto, há choques entre comunidades e não se sabe como resolver as questões de conflito. Faltam mediações. As fronteiras territoriais não relacionam somente duas potências globais, mas também os vizinhos como a Índia, que detectou balões espões ano passado em seu território, bem como outros países que se sentem ameaçados.

Uma guerra que exige coalizão de grupos de países na defesa de seus territórios como propõe os EUA, potência mundial, que veem com preocupação a ação chinesa, que defenderá suas fronteiras contra invasões e palavras.

A rigor, diante dos balões espões haveria a necessidade de delimitação de espaço nos limites territoriais. Algo que parece impossível no mundo da política e cultura.



O jornal brasileiro, *Folha de S. Paulo*, nove dias depois do aparecimento do balão espião chinês nos Estados Unidos dá destaque para o assunto no dia 13 de fevereiro, com o título: "Entenda o que se sabe dos óvnis que EUA e Canadá derrubaram" (NYT, 2023, FSP). A narrativa tem como referência de localização Washington, como narrador o jornal *The New York Times*. A imagem da reportagem é recorrente, com assinatura da agência Reuters, numa espécie de texto que se repete pelo mundo, de um balão caindo depois de ser atingido por um míssil americano. Há indicialidade da explosão, com fumaça saindo de um pano branco à deriva, como sinal de balão chinês "abatido".

Os governos dos EUA e Canadá, conta o narrador, estiveram ocupados em interceptar, num ataque externo, objetos não-identificados nos céus, na sexta (10), sobre Alasca, no sábado, Yukon e Michigan, no domingo.

Os incidentes ocorrem após uma semana de explosão provocada pelos Estados Unidos de um suposto balão espião chinês, equipamento com uma antena destinada a identificar a localização de dispositivos de comunicação e capaz de interceptar ligações feitas nesses dispositivos. O balão deixou a população paralisada e chamou a atenção do governo americano quanto a rivalidade da China, conta o narrador *NYT* para o leitor da *FSP*.

No Alaska houve atuação das unidades da Guarda Nacional do estado, tropas do comando do norte dos EUA, FBI e polícia local com o objetivo de recuperar o objeto. No sábado, um F-22 americano do Comando de Defesa Aeroespacial da América do Norte (Norad), conjuntamente com EUA e Canadá, derrubou o objeto sobre o território do Canadá. No Lago de Huron foi usado um caça F-16 que disparou míssil ar-ar, conta o *NYT*.

Por que derrubados rapidamente? Pergunta o narrador e responde, o balão chinês atravessou o país antes de ser derrubado no início do mês, permitindo às autoridades que o observassem e coletassem informações. Voando alto não oferecia riscos às aeronaves.

No Michigan voando baixo se tornou perigo potencial, o mesmo ocorreu com os demais na sexta e sábado, conforme autoridades americanas. O Pentágono, na voz de seu personagem,



descreve que também os destroços representavam perigo para a população em solo, por isso foram derrubados em alto mar e em áreas pouco povoadas. "O balão chinês também criou um estado de hipervigilância. Embora seja raro os Estados Unidos derrubarem objetos voadores não identificados, as tensões com a China permaneceram alta desde que o balão foi avistado nos céus americanos, há quase duas semanas" (Idem).

Os últimos objetos diferem do balão chinês? Questiona o narrador, em conversa com o leitor, as autoridades americanas desconhecem os objetivos e quem os enviou. Pequim reconhece que o balão é da China, "mas disse que era pra pesquisa meteorológica" (Idem).

O que o suposto balão espião estaria coletando? As autoridades não sabem quais informações o "supostamente balão estava roubando, enquanto atravessava o país" (Idem). Conta o *NYT* que "O balão tinha uma matriz de inteligência de sinais [...]. Mas as autoridades ainda não sabem se essa matriz foi criada para captar ligações feitas por rádios militares, telefones celulares comuns ou algo totalmente diferente" (Idem).

Quantos balões espiões existiam? Os balões são difíceis de serem identificados por radares, por isso são identificados como Óvnis, conta *NYT*. Nos últimos 18 meses os EUA passaram a aprender sobre os balões, quando autoridades identificaram se tratar de balões espiões, três dos quais passaram no país durante o governo Trump e um no governo Biden.

Isso fazia parte de um programa de vigilância chinês mais amplo? A China desenvolveu balões como complemento à frota de satélites para coletar informações de todo o mundo, diz o narrador americano. E não se sabe se tem função diferente dos satélites nesta missão, os quais parecem se dedicar mais "à captação de comunicações" (Idem). A China tem interesses na região do Pacífico espionando bases dos EUA e aliados. "Alguns relatórios sigilosos sugerem que eles também estão usando tecnologias avançadas para coletar informações sobre os militares dos EUA" (Idem).

Qual é o plano de recuperação dos destroços? A busca visa encontrar os destroços que caíram em locais de difícil acesso e no fundo do mar, os quais serão recolhidos para análise do FBI, para uma operação que deve levar dias, finaliza o narrador.



Os EUA estão sob ataques de balões e objetos ainda não identificados vindos do exterior, que tem como objetivo coletar dados militares e de informações sigilosas. Pouco ainda se sabe sobre os óvnis, mas as autoridades americanas confirmam tratar-se de espões com equipamentos com esta finalidade, portanto, perigosos para a soberania do país – política e cultural.

Os balões não parecem ser novidades sobre os céus americanos, mas somente agora os EUA estão dando atenção aos riscos da disputa política com os chineses. Nesta perspectiva, as informações levadas para periferia são protagonizadas de lugares determinados como é o caso de Washington pela mídia americana, o *Jornal New York Times*, que atravessam as fronteiras das nações aliadas. Permitindo, assim, o acesso de informações destes centros políticos e econômicos, numa relação de trocas de informações.

No entanto, é possível avaliar a existência de choques e explosões nessas fronteiras territoriais "amigas" em função de individualidades que se formam a partir da diversidade cultural. Uma transigência posta diferentemente da perspectiva do centro o qual se mostra resistente à essa dinâmica, diante de disputas evidentes de uma guerra iminente vindas de fora.

Ainda no dia 13 de fevereiro, a *FSP* destaca no mesmo caderno, os balões espões, com o título "Óvnis: Crise entre EUA e China traz ecos da Guerra Fria" (2023, *FSP*), com narrativa do jornalista do diário paulista, Igor Gielow. Na imagem segue o balão "espão" no ar e em seu entorno fumaça que sugere a presença de um Caça F-22 na iminência de abatê-lo, produzida também pela britânica Reuters, de narrativas anteriores.

A crise do balão entre EUA e China aumenta dia após dia, ressuscitando a Guerra Fria, entre Washington e Moscou de 1945 a 1991. Primeiramente os EUA interceptaram balão suposto espão e derrubando outros três objetos não identificados suspeitos, a partir de sexta (10). Espaço aéreo americano que foi invadido 10 vezes no ano passado.

Ambos os lados negam a espionagem que é antiga, mas neste momento atrapalha a aproximação tentada pelos chineses com os americanos. "Os balões caem como uma luva para as alas contrárias a Pequim em Washington" (GIELOW, 2023, *FSP*). Conflito que retoma a



Guerra Fria na versão 2.0 em 2017. O campo de batalha agora é a região norte do planeta, próxima do Ártico, “linha de frene da defesa dos EUA por ser o caminho mais curto para bombardeiros e mísseis intercontinentais com ogivas nucleares” (Idem), conta o narrador brasileiro.

O monitoramento de radares nesta parte do planeta, com 4.800 Km de extensão, é feito pelos EUA e Canadá, unidos pelo Norad. Motivo que objetos suspeitos foram derrubados nestas localidades por um caça F-22 Raptor americano. Como os riscos de ataque tornou-se comum, incursões espãs de lado a lado levaram a acidentes, o que já resultou em derrubada de avião U2 americano pela URSS em 1960. “Os comunistas, claro, tinham o seu sistema de defesa” (Idem).

Ao longo da Guerra Fria tentou-se acordos culminando em acertos em 1992, com céus abertos por onde poderiam passar 34 países, incluindo Rússia e EUA, permitiam voos de reconhecimento, estabelecendo confiança mútua.

201

Donald Trump com atenção ao crescimento da China, que lançou a Guerra Fria 2.0, decidiu se retirar do pacto de 2020, acusando os russos de violá-lo. Como resultado a incerteza de lado a lado. Nestas disputas, diz o narrador da *FSP*, a Rússia decidiu não participar do Novo Start para controle de armas atômicas, em razão da Guerra da Ucrânia.

A crise dos balões leva à comparação com o anticomunismo dos anos de 1950 nos EUA. No entanto, nos tempos das tecnologias digitais a onda deve passar rapidamente, sem maiores efeitos sobre o imaginário popular como no passado – de que os soviéticos estavam infiltrando na sociedade americana para atacá-la era disseminada, levando ao cancelamento de suspeitos de simpatia comunista, “quando essa palavra era usada” (Idem).

O temor era tão grande que a população criou o temor pelos discos voadores, assim, como ocorre com os balões nos céus. Chegando à crise dos óvnis em 1950, quando a Força Aérea dos EUA criou o projeto para estudá-los, o Livro Azul.

“De 1952 a 1969, a iniciativa recolheu e analisou centenas de aparições.” (Idem), para casos inconclusos da FA e NASA. Mas Hollywood ganhou destaque ao explorar o temor dos

americanos, com medo de ataques. Nem o Brasil escapou da onda no século passado. E não seria de estranhar se um balão de espionagem aparecer para Pequim sobre a Amazônia. No final, a realidade é que “países se espionam mutuamente”.



A narrativa brasileira, de seu lugar na periferia do sistema hegemônico global, tem como referência as guerras atuais entre Estados Unidos e China e outras disputas globais, como a Guerra Fria contra os Soviéticos, com aliados de ambos os lados. País que viveu o temor de ser invadida pelo comunismo Soviéticos, os quais se fecham em suas respectivas “estruturas”. Os tempos mudaram e as novas tecnologias devem acalmar a população americana quanto aos riscos de invasões como foram no país sobre extraterrestres, quando Forças Armadas e Hollywood alimentaram a imaginação temerosa dos americanos – linhas de formação para códigos culturais para textos que ultrapassam fronteiras.

No final, espionagem de parte a parte se mostra algo comum entre as potências mundiais e nem o Brasil se safou desta intromissão externa – como avaliamos nesta análise. Não seria de assustar que o país também anotasse um balão chinês nos céus da Amazônia.

202

A visão do narrador é de uma realidade reconhecida e que não deve mudar, a busca insistente de países coletar informações do outro, por meio de estratégias de espionagem passando pelas fronteiras territoriais, de maneira quase invisível. Não se trata de uma questão somente política ou econômica, mas também e efetivamente cultural.

CONCLUSÃO

Não somente na modernidade, mas como parece mais frequência neste tempo – talvez indicando mais dinamismo para o futuro –, mediante um processo de comunicação que ampliam as explosões, portanto, se revelam mais evidentes e impossível de controlar dentro de um ambiente perpassado por signos, mediações na formação de novas linguagens e significados. Como tentamos demonstrar, o centro que se mostra conservador por razões óbvias, na tentativa de evitar outras palavras, objetos não identificados, organizando nas



suas linhas demarcatórias em modelo cultural, a suavizar ou impedir o dinamismo da e na periferia, se direcionando para alterações num sistema cada vez menos enrijecido.

Nesta análise primeiro as palavras, seus códigos em transformações que podem dar movimento em um sistema que

se quer estável pelas culturas hegemônicas, no entendimento de que haverá sempre estruturalidades, que se inserem nas estruturas imaginariamente definidas. Neste sentido, nem mesmo a textualidade rígida, com frases prontas e estabelecidas para significados controlados conseguem assegurar transformações ao longo de um longo processo em meio a diversidade de modelizações e fronteiras, à semelhança de células nos corpos que sofrem mutação ao longo da vida. Talvez aqui, um ponto que perpassa esta pesquisa é analisar de que os objetos é que iluminam o conhecimento, ganhando novas polissemias e não exatamente a consciência nos seus limites. Assim, as tecnologias em forma de balão transformam um cenário político estável em curto espaço de tempo. Balões que não se fazem únicos e nem estão no ar somente na contemporaneidade, talvez com mais tecnologia e dinâmicos. A tendência desses objetos ainda não identificados possam ganhar sentido, considerando que internalizado há códigos para novos sentidos, talvez diferentemente do previamente esperado, diante da sua imprevisibilidade.

Assim, na ordem da política global há sistematização ininterruptas de trocas de informações nas fronteiras com palavras que permitem dinamicidade à política e as culturais, não somente em dois lugares evidentes, mas são textualidades que percorrem territórios, como notamos, em que uma imagem de Reuters (britânica), de um balão abatido por um caça que continua no ar nos céus americanos, nos meios de comunicação, difundido conhecimento destes objetos em toda a semiosfera.

Centro e periferia podem estar interligados por meio de relações inevitáveis em um único ambiente de vida, com interações comunicativas necessárias e vitais para o equilíbrio e desenvolvimento. Fato é que o centro se mostra defensor de sua ordem cultural e de poder, por certo, no controle de um sistema complexo como reconhece, como tentamos

demonstrar ao longo desta pesquisa, mas perpassando novos códigos, cujas fronteiras são acessadas por textos e linguagens.



A dinâmica das interculturalidades se irrompe nas disputas de informações, considerando suas individualidades, na observação de que nas externalidades de cada esfera há mais choques, com certa estabilidade no centro de cada comunidade cultural. Todavia, parece haver composição de novos textos em consequência de choques em espaços culturais pela razão de serem assimétricos.

A China que neste momento politicamente talvez não possa ser vista como uma cultura periférica, mas devemos avaliar que somente ao longo das últimas décadas conseguiu atravessar sua influência econômica, e, efetivamente cultural, para o centro de poder, se tornando a segunda maior potência mundial do sistema capitalista, ainda que internamente trate com rigidez a política de partido único, comunista, antagonizando a estrutura do capitalismo dos Estados Unidos e países centrais da Europa.

Por fim, a América Latina, na análise textual tem relação aberta ao país da América do Norte, cujas fronteiras se mostram transitáveis, quando o jornal brasileiro reproduz palavras a palavras textos do veículo da nação hegemônica, por meio do diário que é referência mundial, o *The New York Times*. O mesmo pode ocorrer de outras nações centralizadas, contudo, a visão que nos parece interna, referente ao segundo texto desta análise, permite discussão ampliada sobre as individualidades perpassadas por objetos não identificados pelas fronteiras, em todos os lugares e nações. Não se trata, portanto, como observado, simplesmente de reproduções, o que já seriam complexas com atenção à fidedignidade, pela justaposição de fronteiras no interior de uma cultura. Assim, em essência, a instabilidade das estruturas se mostra evidentes, mais porosas nas fronteiras de um sistema com divisões por individualidades, imersas numa globalidade para mais interações. Assim, havendo palavras fluidas, códigos, linguagens, tecnologia da informação para transformações culturais constantes.



REFERÊNCIAS

BHASKAR, C. U. US-China 'balloongate' fallout should hasten a review of near-space use. South China Morning, 18 fev. 2023. Disponível em: <https://www.scmp.com/comment/opinion/article/3210260/us-china-balloongate-fallout-should-hasten-review-near-space-use>. Acesso em: 15 abr. 2023

BOKAT-LINDELL, S. U.S.-China Relations Keep Getting Worse. Do They Have To?. New York Times, Nova York 15 fev. 2023. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2023/02/15/opinion/balloon-china-taiwan-biden.html>. Acesso em: 18 abr. 2023.

CALDERÓN, F.; CASTELLS, M. *A Nova América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

CANCLINI, N. G. *Culturas Híbridas*. São Paulo: Edusp, 2015.

GIDDENS, A. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

GIELOW, I. Crise dos óvnis entre EUA e China traz ecos da Guerra Fria. Publicado em Folha de S. Paulo, 13/02/2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/02/crise-dos-baloos-entre-eua-e-china-traz-ecos-da-guerra-fria>. Acesso em: 18. abr. 2023.

LOTMAN, Y. M. *Universe of the Mind: a semiotic theory of culture*. London: I.B. Tauris, 1990.

MACHADO, I. (org.). *Semiótica da Cultura e Semiosfera*. São Paulo: Anablume, 2007.

MARTIN-BARBERO, J.. *Dos Meios às Mediações*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MCLUHAN, M. *Os Meios de Comunicação: como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 2006.

MOTTA, G. M, *Análise Crítica da Narrativa*. Brasília: Editora UnB, 2013.

ROPEIK, D. The Great Spy Balloon Freakout. New York Times, Nova York, 15 fev. 2023, Disponível em: <https://www.nytimes.com/2023/02/15/opinion/spy-balloon-china-fear.html>. Acesso em: 18 abr. 2023.

SILVA, A. S.. *Medições Latino-americanas*. Florianópolis: Insular, 2020.

SILVERSTONE, R. *Por que Estudar a Mídia?*. 2ª ed., São Paulo: Loyola, 2002.

SU, T. China's 'spy balloon' shows Beijing is in a retaliatory mood amid US aggressiveness. South China Morning, 08 fev. 2023. Disponível em: <https://www.scmp.com/comment/opinion/world/article/3209251/chinas-spy-balloon-shows-beijing-retaliatory-mood-amid-us-aggressiveness>. Acesso em: 18 abr. 2023.

THE NEW YORK TIMES. Entenda o que se sabe dos óvnis que EUA e Canadá derrubaram. Folha de S. Paulo, São Paulo, 01 fev. 2023. Disponível em:

EXPLOSÕES NAS
FRONTEIRAS...
Afluente, UFMA/CCBa, v.8,
n.22, p. 177-207, jun. 2023
ISSN 2525-3441

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/02/entenda-o-que-se-sabe-dos-ovnis-que-eua-e-canada-derrubaram.shtml>. Acesso em: 18 abr. 2023.

THOMPSON, J. B. *A Mídia e a Modernidade*: uma teoria social da mídia. Petrópolis (RJ): Vozes, 1998.



Recebido em 10 de abril de 2023.

Aprovado em 29 de maio de 2023.

ⁱ Importante destacar aqui, previamente, que o texto nesta abordagem se relaciona a códigos e linguagens no sentido cultural, que depende do processo de comunicação organizado internamente, na composição de significados para determinadas estruturas ou estruturalidades como analisadas mais à frente. Desta forma, devemos metodologicamente separar a visão de textos verbais com suas estruturas, como se define no jornalismo, na literatura, com o não-verbal observado na ordem cultural, mas que se relacionam efetiva e inevitavelmente. Não pretendemos dar conceitos sobre sistemas modelizantes primário ou secundário deixando para o leitor aprofundamento sobre tópico. Contudo, mantemos o entendimento de que até mesmo o texto verbal ganha alterações quando em contato com as diversas culturas, permitindo novos sentidos, significados e, por conseguinte, novos textos em virtude de códigos em semioses no instante em que é possível o surgimento de novas linguagens, ainda que em parte não sistematizadas em identidades culturais.

ⁱⁱSobre esta análise, destacamos em obra que publicamos discussão em torno da importância do Brasil na América Latina e as implicações das narrativas do jornalismo brasileiro na América Latina em tempos de globalização.

ⁱⁱⁱEstruturalidade é analisada aqui como forma de destacar espaços culturais dinâmicos, com alteração permanente e ao longo do tempo, diante da capacidade de diálogo (interna e externamente) entre culturas na sua diversidade, pertencentes à semiofera, como tratada por Iuri Lótman. Desta análise o conceito de código, como mediação para formação de linguagem e informação entre individualidades culturais, à semelhança de células que se comunicam e convivem na interdependência para funcionamento do corpo humano.

^{iv}Diferentemente de um modelo rígido, o termo modelização sinaliza para novas possibilidades de organização das culturas a partir do processo de comunicação, visto que a semiosfera é perpassada por signos para mediações e transformações de códigos e linguagens. Neste sentido ocorrem as semioses para novos códigos, a partir de informações e relações culturais na diversidade, que se mostram possíveis e esperadas para uma sociedade em desenvolvimento.

^vNeste contexto, com a proposição de demarcar a diferença entre a *história* do campo científico e a narrativa jornalística, que se atém aos fatos do *presente*, os quais recebem atenção pela novidade, localizados no agora. Contudo, sempre numa referência com o passado e futuro.

^{vi}Em razão do espaço para as análises, como critério metodológico decidimos por escolha de um texto com mais expressividade para cada dada, as quais mereceram mais atenção do veículo.



^{vii}Considerando que, neste último recorte, diante do limitado número páginas de artigos no período de análise, decidimos pelas matérias informativas, como veremos mais adiante.

^{viii} Tradução livre: "O Grande Balão Espião da Agitação".

^{ix}Original: "*Balloon Freakout also taps into our fear and fascination.*"

^x Original: "*Because the people in the news and social media worlds realize that what worries us gets our attention.*"

^{xi}Tradução livre "As relações EUA-China continuam piorando. O que eles precisam?"

^{xii}Original: "*The world's two great powers*".

^{xiii}Original: "*General issued a memo predicting a war in 2025.*"

^{xiv}Original: "*Is [the modernization of its military](#) and, in the [words of Defense Secretary Lloyd Austin](#), its 'increasingly coercive actions to reshape the Indo-Pacific region and the international system to fit its authoritarian preferences.'*"

^{xv}Original: "Alleged theft of intellectual property and investment in developing countries that critics have called a new form of colonialism."

^{xvi}Original: Narrado afirma na voz da personagem (original): "*When individuals feel the need to out-hawk one another to protect themselves and advance professionally, the result is groupthink.*"

^{xvii}Tradução livre: "Balão espião" da China mostra que Pequim está num clima de retaliação em meio à agressividade dos EUA".

^{xviii}Tradução livre "- A queda do "balloongate" de EUA-China deve acelerar uma revisão do uso do espaço próximo.

^{xix}O narrador conta na voz de Biden, presidente americano, (original) "*if China threatens our sovereignty, we will act to protect our country. And we did*"

^{xx} Original: "*Let's be clear: winning the competition with China should unite all of us. We face serious challenges across the world.*"

^{xxi}Original: "*Reviewing the use of near space from 20 to 200 kilometres in a consensual and transparente.*"